

DO LIMITE, O SALTO

A surpreendente poesia de Casé Lontra Marques

Maiara Gouveia

Chama à atenção a maturidade do livro *Mares inacabados*, o primeiro de Casé Lontra Marques, nascido em 1985. Espanta a unidade desse trabalho, a tornar cada filigrana o anúncio de um sentido que se estende e se amplia a cada combinação, a cada desdobramento do som e da imagem.

Entre a potência e a impotência da linguagem, a respiração do autor, misturada aos ritmos que emulam trinados e estridências, granares e gravidades: o tempo. E os limites do tempo. O corpo, precário, diante da cidade, onde amanhece, e nenhuma palavra pode evitar que a claridade interrompa o poema, essa água inacabada, o âmbar sintético que ainda prende o mosquito, agora abstrato. O movimento-vertigem, andanças de uma ansiedade que procura (também) o avesso da vidraça: algo que se quebre e reconstrua o impossível além da paisagem palpável.

A sempre ausência no cerne da palavra: “*pássaros improvisados com arame/farpado*”. Uma ausência preenchida, no entanto, pela vertigem da imagem, por aquela “*violência sobretudo atenta*” que abre o livro e inaugura um “*movimento diferente*”. Assim, “*um horizonte se delinea*” e, agora, “*a poeira empedra/ no peito do edifício/ enquanto o cimento se dissipa*”.

Assim, a linguagem se mistura à vida sem se desprender da consciência de ser linguagem, talvez perturbada por essa lucidez.

Essa alucinação incontida ao adentrar o som, a musicalidade a jorrar por todos os poemas, que se unem, num círculo veloz e ilusoriamente espiralado. Essa

alucinação contida num infinito compacto: “*violentas maneiras/ de inventar/ a mesma palavra*”. Modo de multiplicar o tempo, um instante a desdobrar-se em suspeita eternidade, nada elegíaca, pois, aqui, importa a realidade atual, factual, dissipada dentro de um quadro de vocábulos: essa ausência devorada, ainda, pela vertigem, pela ansiedade, pelo “*caos tão intenso quanto portátil*”.

Estamos diante de um delírio súbito, que se repetirá a cada leitura, às vezes “*cirurgicamente/ lírico*”, com este sal alquímico dissolvido em cada verso, a nos lembrar a magia calculada de Herberto Helder, cujo eixo da loucura é algo extremamente organizado, uma estrutura de vidência e espasmo construída por meio de uma sintaxe elaborada, que recria o mundo, mas o embaralha, para que tudo seja estranhamente inaugural.

Ao tocar um objeto, sempre antevisto, agora extraordinário, toca o que é irreversível: há algo além da linguagem, a vibrar, absurdamente, em cada milímetro da palavra geométrica – brilho, fúria, apanágio do enigma.

Isto: a imagem e o movimento ininterrupto, em um cinema forjado, “*o pássaro fabricado para/ estímulo da incessante/ alucinação sobrevoa os destroços do último/ desastre*”. O enredo: a história da palavra diante do mundo, agitada e estupefata, a criar esta presença virtual e vibrante, “*Mares petrificados*”, “*De novo o teatro de um êxtase tão semelhante ao transe do trabalho*”.

Casé fala do corpo e da argamassa, de um “*cinema para distúrbio do poema*”; fala também de pedras, da alegoria que “*constrói seu sistema de breves vértebras*”; fala do que é siderúrgico, do artifício “*para equilibrar a força*”; fala de paredes, de “*Quebrar a espinha da palavra paralisia*”; nos lembra da diferença entre a apatia e o cansaço e entrelaça em sua construção o interesse por aquilo que não deixa nenhum resíduo estético. Ele reconhece o que não cabe em nenhum andaime: “*Mares inacabados/ que o sol do sarcasmo/ infeccionou*”.

Leio, na página 41: “*A potência/ da imagem continua/ a respirar sobretudo concreto, desde que o inexistente/ componha o grosso da argamassa...*”. Na página 54, temos: “*Do andar mais sólido do andaime/ O dia prepara/ Uma decepção*”.

minuciosamente visual” e, na 66: “...Quem senão a palavra buscaria/ lavrar uma ausência/ com instrumento mais concreto que o arado. Da mesma/ forma que o poema desenha uma presença/ no vazio da visão. O dia continua claro no nervo/ responsável por reinventar o mar...”

Casé não interrompe esse fluxo. Continua, em *enjabements*, atinge êxtases diante da fronteira tensa capaz de provocar, precária e minimamente, um contato com a vida e com sua imensa parcela de verdade intocável. Onde repousam os “*olhares nada cardeais*” do leitor, ali:

*suspenderam o sobressalto do pulso no instante
em que a manhã*

*despontou no branco ávido da camisa ainda evidente
a luz tilinta nos cristais*

*já dedilhados pela claridade da palavra
um latir de têmeoras*

*atordoa os pardais mais próximos das águas
de alta voragem*

*respiram assombrados
com tamanha exposição ao silêncio*

*sufocando a ânsia de um surto
há pouco elaborado*

*na vértebra aberta
durante a súbita insolação*

(p. 92)

Por isso, embora minuciosamente visual, embora perturbada pela extrema consciência de ser linguagem, embora apenas trama de vocábulos num ritmo que emula a dança do que vive e gira além das máquinas, apesar dos mares permanecerem cruelmente inacabados em toda linguagem, a poesia de Casé Lontra Marques jamais decepciona. Ao contrário, transforma o limite em celebração da própria forma e do que ela provoca: sede pelo oásis. Pois, no poema, tudo é miragem.

Maiara Gouveia nasceu em 1983, em São Paulo. É poeta e estudiosa de literatura, com trabalho desenvolvido na Universidade de São Paulo sobre a obra de Cesário Verde. Em 2006, foi finalista do Prêmio Nascente – USP, com o livro de poemas *O Silêncio Encantado*. A obra inaugural sofreu alterações e hoje se chama *Pleno Deserto*, publicado em 2009 (Edições Rumi/Nephelibata). Mantém o blog A Certeza de Fazer o Mal (<http://maiaragouveia.blogspot.com>). Contato: maiaragouveia@gmail.com